

Forquilhas

“Mas assim que esta forma contém um valor em si - isto é, pela expressão abstrata de seus contornos e de suas qualidades - ela adquire uma importância plástica, e pode-se dizer de uma obra assim concebida que ela participa já de uma certa construção”.

Torres Garcia, em *Querer Construir - Projeto Construtivo na Arte*.

Rio de Janeiro/São Paulo, 1977.

O que fazer, se tudo já foi feito?

A essa questão (crucial?) que o artista contemporâneo se propõe eu aporia: como fazer, se tudo já foi feito?

E o trabalho pictórico enveredou por todos os caminhos, meios e suportes, indo buscar em outros campos dados revitalizadores para sua trajetória, modificando e ampliando seu significado. Hoje, cada artista escreve, é e constrói, por intermédio de sua produção, sua própria história.

Trata-se de mais uma etapa dessa história particular, individual - com suas confluências, afluições e influências - orquestrada em torno da paisagem e de seus elementos, que se desdobra nessa exposição.

- agora, é a montanha triturada, a rocha moída, o barro peneirado, tomados como matéria pictórica para a construção da tela;

- CORES DE TERRA, terras coloridas que barreiam a tela, retomando uma prática milenar e demarcando uma diferença;

- são triângulos construídos, vazados ou cobertos de linho, pintados, acoplados, gerando formas geométricas inventadas pela intuição;

- nova nomenclatura sendo escrita, tentação do tridimensional;

- artesanato impreciso em sua execução, vivenciando nas marcas e rebarbas o fazer como leitura a ser apreendida; etapas a serem recriadas, inventadas, rememoradas;

- moldura não como limite e confinamento da pintura, mas sim como estrutura incorporada ao próprio ato de fazer/conceber;

- FORQUILHA, tronco bifurcado que sustenta, elemento formal gerador e suporte da pintura; entidades diferentes em uma só individualidade, participando da mesma existência;

- existência transformada, organizando-se em um fluxo temporal como suporte, pigmento, cor, estrutura, tinta, matéria;

- matéria primeira, primeva, primitiva.

Manfredo de Souza Netto

Rio de Janeiro, julho de 1982.